

Territorialidad, demandas indígenas y Justicia Ecológica

Adriana Biller (UFSC)¹

Resumen

La ponencia se propone a tratar la relación entre territorialidad, demandas indígenas y Justicia Ecológica. Toma como punto de partida que la Justicia Ecológica articula las demandas de los diversos grupos tradicionalmente excluidos, posibilitando así un diálogo entre lo que desean los pueblos indígenas para su territorio, lo que dispone la ley brasileña y tratados internacionales y la manera como se concretan derechos socioambientales. Así, propone tratar el concepto de territorialidad en relación a las demandas indígenas considerando el protagonismo y la autonomía de los pueblos indígenas para definir y concretar sus derechos.

Territoriality, indigenous demands and Ecological Justice

Adriana Biller (UFSC)

Abstract

The presentation aims at the relationship between territoriality, indigenous demands and Ecological Justice. It takes as premise that Ecological Justice articulates the demands of various traditionally excluded groups, thus enabling a dialogue between what indigenous peoples wish for their territory, what Brazilian law and international treaties provide, and the way in which the socio-environmental rights are realized. Thus, it proposes to address the concept of territoriality in relation to indigenous demands, considering the prominence and autonomy of indigenous peoples to define and realize their rights.

¹ Adriana Biller Aparicio. Doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGD/UFSC). Mestre em Direitos Humanos, Interculturalidade e Desenvolvimento pela Universidade Pablo de Olavide de Sevilha (UPO). Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGD/UFSC). Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). Membro dos grupos de pesquisa Observatório de Justiça Ecológica (OJE/USFC) e Política e Estado: o Poder e o Direito (UEM). Professora Colaboradora da Universidade Estadual de Maringá (UEM) desde 2019. Orientadora Jurídica do Núcleo Maria da Penha da Universidade da Universidade Estadual de Maringá (NUMAPE/UEM) e do Observatório de violência de gênero da UEM: Direitos, Subjetividades, Políticas e Intersecções.